



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

CONTO: OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO

Autor(es)

---

JAIR LISBOA DOS SANTOS

Contos / Cricas

---

Pseudônimo: Velho Lobo

As portas estão cerradas atrás de mim. Preso e solitário nesta célula, sinto uma sensação sufocante de peso, opressão, como se alguma coisa me esmagasse o peito. O ar viciado, o ambiente sem iluminação e eu nesta modorra. Todas as refeições são feitas aqui e o cardápio, não raro, é o mesmo. Trancafiado neste quadrado, ver o sol nascer quadrado, ver o mundo quadrado, ver a vida que corre lá fora na dimensão quadrada! Que existência miserável é essa? Tenho sede. Num copo, de formato cilíndrico, tomo então um pouco d'água.

Ah, beber a água fresca acabada de ser tirada do poço de um sítio. As fontes naturais de água, lá fora, concedidas gratuitamente. Purificar a alma dançando em uma chuva torrencial de verão. Ou ser agraciado com uma chuvinha, aquele chuvisco reanimador que se deixa cair no rosto. Tantos rios e igarapés cortando as matas, tantas praias, enseadas e baías por esse infinito litoral.

Entrar no mar e sentir a dança das harmônicas ondas ou então uma massagem no turbilhão da queda d'água de uma cachoeira sobre o corpo. Dar um mergulho e nadar tranquilamente em um lago de águas diáfanas e refrescantes ou, por outro lado, sentir o relaxamento da imersão em uma fonte de águas termais. Tornar-se um barco flutuante sem destino ao se jogar nas águas correntes de um rio. Apreciar as tonalidades reveladas pelas águas de cores azuladas, esverdeadas, cristalinas ou brancas espumantes.

Porém estou atolado aqui e reconheço agora o que até pouco tempo atrás não admitia: sou um viciado. Fui sugado por esses estúpidos entorpecentes, achava que somente através deles poderia enxergar a realidade. Vivencio através deles um incrível sentimento de poder, uma fantasia de romper o limite de outras dimensões. A sensação de prazer é tão grande que cheguei a tal ponto de não conseguir mais parar, tornei-me um usuário compulsivo. Hoje estou preso a esse vício, ele está instalado em meus domínios.

Existe coisa pior no mundo que o homem estar preso dessa forma? Estou pagando o preço por negligenciar minha vida em prol de sensações agradáveis, porém efêmeras. Sinto-me tal qual um animal em uma jaula humana, com olhos atentos e movimentos treinados. Por vezes minha voz se torna um monólogo vazio e incoerente de comunicação, as mãos nervosas com dedos impacientes e um olhar focado em uma única direção, por horas e horas.

Meu olhar...!

O que os meus olhos podem contemplar, quantas dádivas da natureza neste universo de cores e formas que está lá fora e eu deixo de ver?

Curvar-me ao irradiante nascer do sol, imperdível convite ao novo dia que vai nascer. Maravilhas acontecem, tal como quando o brilho do sol reluz nas águas do mar, de uma lagoa ou de um rio, e forma aquela esteira cintilante como se fossem milhares de pequenos sóis a piscar na lâmina d'água. Um banho de sol, pegar uma cor numa praia ou num parque dessa imensa e gratuita usina solar nos recarregando diariamente de claridade e vida.

E o azul celestial sobre nossa cabeça incitando à felicidade das manhãs e das tardes dos dias. Enquanto isso brancas nuvens pairam lá no céu fazendo graça em formações lúdicas para divertir a imaginação. Ah! a tépida carícia daquele sol rutilante das manhãs de inverno enchendo de calor o coração. Ou se sentar à sombra de uma árvore em um dia de intenso calor e saborear o desvelo de uma suave e envolvente brisa.

E o roubo de um por de sol, fechando as cortinas a um espetáculo de pequeno nome, porém majestoso, chamado dia. No firmamento uma fantástica combinação de cores acompanhada de um balão vermelho que aos poucos se despede. Como se aí não bastasse, poder dar de cara com uma gigante lua cheia amarelada irrompendo lá no horizonte oposto. E em seguida, a luminosidade da noite enluarada invadindo-nos e inspirando-nos à poesia.

Não foi fácil reconhecer meus sinais de dependência. Por causa do uso excessivo, desde a hora que eu acordava, durante o dia e

varando as madrugadas, comecei a sofrer prejuízos na vida pessoal e social. Aos poucos fui perdendo o interesse pela vida e tudo se resumia ao seu uso compulsivo. O isolamento emocional e o contato interpessoal ficaram prejudicados. Houve a queda de minha produtividade profissional, eu já não conseguia me controlar nem mesmo no ambiente de trabalho.

Ao invés de me dar poder, percebi que eu estava dando a eles o meu poder, eu estava anexando os meus sentimentos. Reconheci os distúrbios causados por essa compulsão e bloqueei meu acesso. O corte do uso, porém causou-me uma crise de abstinência, um transtorno sufocante e angustiante. Tive uma recaída e caí nessa rede novamente. O mais controverso é que não rompi nenhuma regra ou lei impostas pela sociedade. O acesso está ao alcance de todos, jovens e até mesmo crianças, sempre mais vulneráveis a este tipo de dependência.

É visível minha insatisfação com a vida neste cativado, tudo tem seu preço e neste momento não vejo nenhuma esperança, nem mesmo sinto o impulso de fuga. Só se espera o pior de uma mente perturbada e coração doentio, neste ambiente lúgubre, feito um rato acuado num porão abafado. Aprisionei o meu corpo, minha mente e os meus sonhos e incluí aí minha família e os meus amigos. Essa exposição me levou a sentir gradualmente um abandono maior, dia e noite.

Ah! a noite!

No céu noturno milhares de estrelas, faiscantes diamantes, instante no qual se pode aproximar do infinito do universo e como único instrumento a órbita dos olhos. E sorrir, pois neste momento pode estar nascendo nas esferas uma nova estrela. E a cerração quando baixa na noite e os nossos olhos enxergam a difusão das luzes e a neblina nos envolve de encantamento e irresistível mistério. Divertir-se com o fosforescer de um arco-íris, na magia do encontro do raio de sol com uma gota d'água.

O verde das matas, das florestas, toda a riqueza idílica da flora. Fazer caminhadas, explorar, subir em uma árvore, fazer-se parte integrante dela. Plantar árvores das mais variadas, comer uma fruta tirada do próprio pé. E sentir na palma das mãos o desenho delas e sua mais variada pigmentação das cores. Monumentais falésias de diversas tintas, imponentes morros e montanhas, esculpidas para dar belas formas ao horizonte, e em seus píncaros, nos sentirmos mais próximos do céu. Espiar as plantas, sua floração, acariciar a textura colorida das flores que ficam mais belas pela manhã com suas folhas úmidas de gotículas d'água.

Mas essa dependência me fez isolar do contato humano, encontros físicos, da vida ao ar livre, substituindo-os pelas interações dessa droga. E eu estou querendo sempre mais, e experimentado novidades mais potentes e com uma velocidade cada vez maior. Meu nível de ansiedade aumenta pela incapacidade de permanecer sem ela e não conseguir pensar em outra coisa.

E eu aqui ligado, com os olhos vermelhos, com uma incrível habilidade manual para manipulá-la, mas comprometendo meus reflexos motores. E tudo que aparece na minha frente eu curto. Passei a vagar como um zumbi neste mundo fechado, pesado e denso na quantidade, mas frágil por não ter dono e nem limites.

Nessa monotonia dos grandes dias vazios, as visitas aconteciam aos finais de semana, no entanto agora elas não vêm mais porque não as convido. Passei a compartilhar com meus amigos, que se tornaram cativos como eu, e pela mesma razão a qual me encontro aqui. A prisão mais severa é a minha própria consciência e estou dando ouvidos a ela!

Mas que ouvidos?

Ouvir a divina música orquestral da natureza em suas diferentes estações, que nos passa despercebido. A sinfonia nas quedas d'água de uma cascata, o cântico da chuva caindo e a reverberante arrebentação das ondas do mar, logo depois de se levantar e formar seu imenso arco verde. O sublime som do silêncio dos grandes desertos, das geleiras, do céu. O ruído harmonioso dos galhos das árvores balançando ao vento. A cantoria da passarada começando a se recolher nas matas anunciando que é chegada a hora de anoitecer. Saber distinguir os pássaros pela melodia de seu cantar.

O deleite de desvendar o aroma que exala das flores, das frutas, da chuva na terra nua, do oxigênio puro que nos sustenta o organismo. Surpreender-se com o ar cheiroso das manhãs que aflora da terra fresca. As facilidades ao ar livre, ao alcance das minhas mãos e dos meus pés! Tirar o tênis, os sapatos e como criança sentir os pés descalços pisando o chão, a terra vermelha, andar nas areias grossas e mornas da praia.

Deslizar nas dunas de areia, curvas femininas silenciosamente esculpidas ao sabor do vento. Caminhar nas trilhas, correr nas sendas, saltar nas pedras lapidadas pela natureza, sentar numa pedra e por os pés em um riacho. E iluminar-se no crepitar da lenha de uma fogueira que quebra o silêncio da noite e nos aquece quando o sereno da madrugada vem chegando.

Mas estou chafurdado neste vício, sonolento, semiconsciente, uma vida arrojada num buraco triste. Com dores nas costas e no pescoço, já nem durmo mais. Tenho o julgamento crítico à dimensão que esse psicotrópico ganhou na minha vida. Se continuar dessa forma, estarei me condenando a ficar preso em um modelo de interrupções mentais frequentes sem conseguir me aprofundar em nada. Percebo a minha realidade. O mundo que vivo hoje, todos os meus sentidos, tudo é superficial, uma vida paralela, uma vida baseada na irreabilidade. Sou um expectador com paralisia crônica, que nada cria e que morre um pouco a cada dia. Preciso fugir dessa morbidez letárgica, reerguer-me, resgatar-me.

Permito que aflore a possibilidade de um gesto grandiloquente em meu campo de decisões, o momento apropriado para me colocar em fuga. Esboço gestos de arrependimento, mas decidido tomo a atitude peremptória de libertar-me deste martírio. Desarmo-me por completo, me desconecto da Internet e de suas redes sociais, tecnologias desnecessárias que me escraviza. Desligo o computador e sua tela quadrada, me livro do celular e arremesso-o sobre a cama desarrumada, que se espatifa no chão. Abro a porta do quarto, a luz penetra e minha sombra avança sobre a máquina, a qual jaz suja e imóvel.

Deixo o quarto, abro a porta da minha casa e avanço passos para a liberdade. Inspiro profundamente o ar, ergo a cabeça mirando uma tela azul de tamanho infinito, o mundo do lado de fora me parece novo.

Mãos vazias, olhos para contemplar, ouvidos para escutar, voz para cantar e o coração para sentir a vida ao redor, todos os sentidos do ser humano a desejar a beleza e a calma da arquitetura do Criador.

